

**DA INTUIÇÃO À REFLEXÃO: PRODUÇÃO TEXTUAL
COLABORATIVA E A CONSCIÊNCIA METALINGUÍSTICA*****FROM INTUITION TO REFLECTION: COLLABORATIVE TEXTUAL
PRODUCTION AND METALINGUISTIC AWARENESS***Francisco Jeimes de Oliveira Paiva ¹ (SEDUC-CE)

Resumo: Este artigo analisa a produção textual colaborativa no desenvolvimento de atividades metalinguísticas escolares. Fundamentado em Vygotsky (1998), Bakhtin (1981) e Geraldí (1984), o estudo investiga como a interação mediada pelo Google Docs fomenta a reflexão sobre os recursos da língua. A pesquisa-ação, realizada na EEMTI Egídia Cavalcante Chagas com o 1º ano do Ensino Médio, revela que a escrita compartilhada promove conflitos sociocognitivos e revisões processuais. Conclui-se que a coautoria, ao exigir negociação de sentidos, integra as competências de Análise Linguística da BNCC, tornando o processo de escrita reflexivo e autônomo.

Palavras-chave: Produção Textual Colaborativa. Atividades Metalinguísticas. Análise Linguística. Pesquisa-ação. BNCC.

Abstract: This article analyzes collaborative textual production in the development of school-based metalinguistic activities. Grounded in Vygotsky (1998), Bakhtin (1981), and Geraldí (1984), the study investigates how interaction mediated by Google Docs fosters reflection on language resources. This action research, conducted at EEMTI Egídia Cavalcante Chagas with 10th-grade students, reveals that shared writing promotes sociocognitive conflicts and procedural revisions. It is concluded that co-authorship, by requiring the negotiation of meanings, integrates the Linguistic Analysis competencies of the BNCC, rendering the writing process both reflective and autonomous.

Keywords: Collaborative Writing. Metalinguistic Activities. Linguistic Analysis. Action Research. BNCC.

¹ Doutor em Ciências da Religião. Doutorando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor efetivo de Língua Portuguesa e Literaturas da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE).

Introdução

Na era contemporânea da (trans)informação, o termo "colaboração" aparenta ter se convertido em uma das palavras da moda em várias disciplinas do saber, especialmente após a chegada da *Web 2.0*. Com a chegada da *Web 2.0*, houve uma reconfiguração no campo da comunicação, desafiando o modelo tradicional de broadcast (sistema de transmissão de informação em larga escala), no qual apenas um era responsável pela comunicação (PINHEIRO, 2013).

Abordagens que enfatizam o aspecto social e dialógico da linguagem têm superado a ideia de que a escrita é um processo puramente individual e mecânico. Nesse cenário, a **Produção Textual Colaborativa** desempenha um papel fundamental, atuando como base para o desenvolvimento de **atividades metalinguísticas**. Com base na teoria do Círculo de Bakhtin (1981), entende-se que cada enunciado é um elo na corrente da comunicação verbal; assim, escrever com o outro é, de fato, concretizar o diálogo inerente à língua. Segundo o autor, a palavra é um "território compartilhado". Na escrita colaborativa, a presença do interlocutor imediato força os indivíduos a negociarem significados e a anteciparem interpretações, transformando o texto em um espaço de interação dinâmica e responsiva.

Geraldi (1984) aplica pedagogicamente essa perspectiva dialógica, movendo o ensino de língua da simples transmissão de nomenclaturas para a prática da **análise linguística**. De acordo com o autor, o trabalho com o texto deve incluir o que ele chama de **atividades epilinguísticas** — reflexões não sistemáticas que acontecem dentro da prática de linguagem — as quais sustentam a futura consciência metalinguística. Na escrita colaborativa, ao debaterem sobre a escolha lexical ou a estrutura sintática de uma frase, os estudantes praticam a "reflexão sobre a língua em função dos objetivos de dizer" (GERALDI, 1984).

Essa dinâmica está alinhada com as habilidades de **Análise Linguística/Semiótica** definidas pela **Base Nacional Comum Curricular** (Brasil, 2018). O documento sugere que a análise dos recursos gramaticais e estilísticos não seja feita de maneira descontextualizada, mas sim como um instrumento para a criação de sentidos e efeitos de sentido. Ao redigirem em conjunto, os alunos são instigados a explicar suas decisões, convertendo o erro acidental em uma dúvida construtiva. Dessa forma, a prática da coautoria possibilita que o sujeito-autor se

PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira. **DA INTUIÇÃO À REFLEXÃO: PRODUÇÃO TEXTUAL COLABORATIVA E A CONSCIÊNCIA METALINGUÍSTICA.**

afaste do seu próprio texto, adotando uma postura analítica e crítica, fundamental para a independência na criação de diversos gêneros textuais.

Fundamentação Teórica

O Interacionismo Socio-histórico e a Mediação por Pares

A teoria socio-histórica de Vygotsky (1998), que afirma que as funções psicológicas superiores se originam das interações sociais, serve como fundamento para entender a produção textual colaborativa. A **Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)** é o conceito central aqui, sendo definida como a diferença entre o nível de desenvolvimento real (o que o aluno é capaz de fazer de forma independente) e o nível de desenvolvimento potencial (o que o aluno pode alcançar com auxílio).

Na escrita colaborativa, o colega desempenha o **papel de mediador**, além de ser um parceiro de trabalho. A interação entre indivíduos com diferentes níveis de conhecimento (ou até mesmo semelhantes, mas com habilidades complementares) possibilita que a criança ou jovem tenha acesso a estratégias cognitivas que ainda não assimilou completamente. Ao compartilhar suas ideias com os outros, o estudante estrutura seus processos mentais, convertendo a escrita de uma atividade individual em um processo colaborativo de construção de conhecimento.

A Linguagem como Interação: O Texto como Encontro

Para que a escrita tenha significado, ela precisa ser entendida como um processo de diálogo. De acordo com Bakhtin (1981), a linguagem é fundamentalmente dialógica, pois cada enunciado é uma resposta a enunciados prévios e antecipa uma resposta futura. No modelo convencional de redação escolar, o "interlocutor" é geralmente o docente atuando como avaliador, o que frequentemente compromete o objetivo comunicativo do texto.

Ao incorporar a perspectiva de Geraldi (1984), a produção textual é compreendida como um "trabalho" realizado por indivíduos que se comunicam com outros indivíduos. Na produção colaborativa, o autor e o **interlocutor real** estão juntos. A presença física do "outro" obriga o escritor a abandonar sua postura egocêntrica e a negociar significados: se o colega não compreende o que foi escrito, o texto deve ser reescrito. Essa negociação é o que assegura a

natureza interativa da linguagem, na qual o sentido não reside "dentro" das palavras, mas na interação entre as pessoas.

Atividades Epilinguísticas e Metalinguísticas: Do Uso à Reflexão

Uma das principais vantagens da colaboração é a mudança do fazer para o refletir sobre o fazer. Geraldi (1984) identifica duas formas de reflexão sobre a língua que acontecem durante a elaboração de um texto:

- **Atividades Epilinguísticas:** São reflexões intrínsecas ao uso da língua. Ocorrem quando os alunos, durante a escrita, fazem pausas para ajustar o texto, trocar uma palavra por um sinônimo ou alterar a ordem de uma frase para que ela "soe melhor". É um exercício reflexivo, mas ainda voltado para a prática imediata da escrita.
- **Atividades Metalinguísticas:** Ocorrem quando os sujeitos tomam a língua como objeto de análise consciente. É o momento em que se recorre à gramática como ferramenta de sistematização: "Aqui usamos vírgula porque é um aposto" ou "Este verbo precisa estar no plural para concordar com o sujeito".

O quadro abaixo sintetiza essas diferenças no contexto da produção em grupo:

Categoria	Foco	Exemplo na Produção Colaborativa
Epilinguística	Sentido e Fluidez	"Acho que essa palavra não combina com o que queremos dizer, vamos trocar?"
Metalinguística	Sistematização e Norma	"Precisamos colocar acento aqui porque é uma proparoxítona."

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Essa gradação é essencial para a BNCC (2018), uma vez que o eixo de **Análise Linguística/Semiótica** estabelece que o estudante deve conseguir transitar entre a intuição do falante e o rigor do analista, empregando a metalinguagem como ferramenta para o desenvolvimento de sua própria autoria. Isso implica que "[...] o eixo da análise linguística/semiótica abrange os conhecimentos necessários para analisar a língua (ou a linguagem), suas estruturas organizacionais e seus recursos, permitindo que o estudante

PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira. **DA INTUIÇÃO À REFLEXÃO: PRODUÇÃO TEXTUAL COLABORATIVA E A CONSCIÊNCIA METALINGUÍSTICA.**

justifique por que uma escolha específica foi feita e quais efeitos de sentido ela gera." (BRASIL, 2018, p. 78).

A Dinâmica da Produção Textual Colaborativa

A produção colaborativa vai além da simples divisão de tarefas; trata-se de uma interdependência positiva. Para que o texto avance, os indivíduos devem ajustar suas intenções, o que cria uma dinâmica repleta de oportunidades de aprendizado. Nesse contexto, a colaboração geraria um entendimento comum acerca de um processo, produto ou evento. Isso implica que os indivíduos podem alcançar resultados superiores ao trabalhar em grupo do que ao trabalhar individualmente. Em um trabalho colaborativo, segundo o autor, há uma complementaridade de habilidades, conhecimentos, esforços individuais, opiniões e perspectivas, além de uma capacidade ampliada para criar soluções mais eficazes para a resolução de problemas (COLLIS, 1993).

Para Ildebrand (2021, p. 4),

As práticas colaborativas são ações necessárias nas escolas brasileiras que fortalecem habilidades e competências como aponta a Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC ou Base (BRASIL, 2018). Além da BNCC, a Constituição discorre que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Em outras palavras, os autores Lowry, Curtis e Lowry (2004) e Pinheiro (2011) enfatizam que as práticas colaborativas relacionadas à escrita são práticas sociais valiosas, essenciais e relevantes para a vida humana. Isso se deve ao fato de que, cada vez mais, lidamos com tecnologias e atividades que só podem ser realizadas por meio do trabalho colaborativo. O trabalho colaborativo é uma prática frequente entre pesquisadores e profissionais de diversas áreas do conhecimento, que se unem para atuar de maneira interdisciplinar e cooperativa (ILDEBRAND, 2021).

O "Conflito Sociocognitivo" como Gatilho Metalinguístico

PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira. **DA INTUIÇÃO À REFLEXÃO: PRODUÇÃO TEXTUAL COLABORATIVA E A CONSCIÊNCIA METALINGUÍSTICA.**

O conceito de conflito sociocognitivo, muito debatido na psicologia genética e utilizado na escrita por autores como Gilly (1998), acontece quando dois estudantes têm perspectivas diferentes sobre um mesmo problema linguístico.

Na escrita individual, o estudante frequentemente utiliza uma regra de maneira automatizada (e, em alguns casos, errônea). Na colaboração, surge o conflito quando um estudante quer usar "porque" e o outro questiona se não seria "por que". Para resolver o problema e continuar escrevendo, eles precisam expressar verbalmente seus conhecimentos. A BNCC (2018) incentiva a análise reflexiva sobre os usos da língua, e é essa demanda por explicação mútua que converte o conhecimento implícito (intuitivo) em conhecimento explícito (metalinguístico).

Papéis na Colaboração: Escriba vs. Planejador

A organização dos papéis durante a escrita compartilhada é fundamental para a distribuição da carga cognitiva. Geralmente, observam-se duas funções principais que podem (e devem) se alternar:

- **O Escriba:** É o responsável pela materialização do texto (o registro gráfico). Embora pareça uma tarefa mecânica, o escriba atua como um "filtro", muitas vezes questionando o que lhe é ditado antes de registrar, atuando na revisão imediata.
- **O Planejador/Revisor:** É aquele que foca na macroestrutura do texto, na progressão temática e na coesão. Ao "ditar" para o colega, ele precisa monitorar a clareza do enunciado em tempo real.

Essa divisão permite que, enquanto um se ocupa da ortografia e acentuação (microestrutura), o outro observe a coerência e o gênero textual (macroestrutura), promovendo uma **revisão simultânea à produção**.

Ferramentas Digitais e a Escrita em Tempo Real

A tecnologia, através de editores de texto em nuvem (como o Google Docs ou Microsoft 365), alterou profundamente a natureza da colaboração. Essas ferramentas oferecem recursos que potencializam as atividades metalingüísticas:

- **Histórico de Versões:** Permite que alunos e professores visualizem o processo de "amadurecimento" do texto, transformando a escrita em algo fluido e não estático.
- **Ferramenta de Comentários:** Funciona como um espaço de diálogo assíncrono onde os alunos justificam alterações ("Troquei esta palavra para não repetir o termo anterior"), o que é puramente uma atividade de análise linguística.
- **Escrita Síncrona:** A visualização do cursor do colega em tempo real cria um senso de coautoria imediata, onde a correção de um erro ortográfico pelo par serve como um feedback instantâneo e menos punitivo que a correção tradicional do professor.

Quadro 2: Dinâmica de Trabalho e Ganhos Linguísticos

Elemento da Dinâmica	Ação do Aluno	Ganho para a Metalinguagem
Divergência de Opinião	Argumentar sobre o uso de um conectivo.	Consciência sobre a coesão textual.
Leitura em Voz Alta	Ouvir o que o colega escreveu/ditou.	Percepção de ritmos, rimas e clareza sintática.
Uso de Comentários Digitais	Justificar a alteração de um parágrafo.	Sistematização do conhecimento gramatical.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

O Quadro 2 resume a relação direta entre as ações práticas realizadas pelos alunos durante a escrita em pares e os ganhos no desenvolvimento da consciência metalingüística. Isso ajuda a consolidar a análise da interação em sala de aula. Essa sistematização mostra que a colaboração não é somente uma forma de organizar o trabalho, mas uma estratégia cognitiva que transforma o estudante de um simples executor em um analista da própria linguagem. Quando o aluno vivencia situações de divergência ou a necessidade de revisão em tempo real,

PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira. **DA INTUIÇÃO À REFLEXÃO: PRODUÇÃO TEXTUAL COLABORATIVA E A CONSCIÊNCIA METALINGUÍSTICA.**

ele é estimulado a executar operações mentais de monitoramento e controle, essenciais para desenvolver autonomia na escrita, de acordo com a BNCC (2018).

Análise das Atividades Metalinguísticas no Processo

A produção de textos de forma colaborativa possibilita a observação de processos cognitivos que, na escrita individual, tendem a ser silenciosos e rápidos. Ao transformar o processo de escrita em uma atividade colaborativa, as atividades metalinguísticas surgem em três áreas principais:

Revisão em Andamento: A Gênese Monitorada

Ao contrário da revisão pós-escrita, uma técnica comum em que o estudante relê o texto somente após concluí-lo, a **revisão em andamento** acontece ao mesmo tempo em que se escreve. Na dinâmica de pares, o fluxo de escrita é frequentemente interrompido por avaliações instantâneas.

Essa "revisão no ato" é uma atividade metalinguística bastante intensa, uma vez que o estudante deve avaliar a adequação de uma palavra ou a grafia de um termo no momento em que é acionado. Isso diminui a fossilização de erros, pois o feedback do colega funciona como um corretor em tempo real, convertendo a dúvida ortográfica ou sintática em um assunto de debate pedagógico antes mesmo de a frase ser finalizada.

Negociação de Sentido: Gênero e Suporte

Escrever colaborativamente exige que os sujeitos entrem em um acordo sobre **quem fala, para quem fala e em que suporte** o texto circulará. Essa negociação de sentido é o que a BNCC (2018) define como análise das condições de produção.

- **Adequação ao Gênero:** Os alunos discutem se o tom utilizado é adequado (ex: "Não podemos usar 'gírias' se o texto é uma carta formal").
- **Intencionalidade:** Há uma reflexão consciente sobre as escolhas lexicais para gerar efeitos de sentido específicos (ironia, persuasão, objetividade). Essa atividade é metalinguística pois exige que o estudante saia do nível da frase e observe o texto como uma unidade de sentido situada em uma prática social.

Ajustes de Coesão e Coerência: O Olhar do Outro

Um dos principais obstáculos da escrita individual é o "ponto cego" do autor: como o escritor tem clareza sobre o que deseja expressar, ele frequentemente não nota falhas lógicas ou desvios no tema. Na produção colaborativa, o colega desempenha o papel de **primeiro leitor crítico**.

O olhar do "outro" reconhece prontamente problemas de **coesão** (repetições excessivas de conectivos ou pronomes ambíguos) e de **coerência** (contradições entre parágrafos). Quando um estudante indica que "esta parte não se conecta com a anterior", ele exige que o parceiro faça uma alteração metalinguística complexa: reorganizar a estrutura do texto. Esse exercício de identificação de lacunas linguísticas é o que fortalece a capacidade de monitorar a própria produção, transformando o estudante em um escritor mais consciente e independente.

Metodologia

Tipo de Estudo: Pesquisa-Ação

Este estudo utiliza a **Pesquisa-Ação** como delineamento metodológico. De acordo com Thiollent (2011), esse tipo de pesquisa requer uma participação ampla e consciente tanto do pesquisador quanto dos sujeitos envolvidos. A opção é justificada pelo fato de o pesquisador estar diretamente envolvido no ambiente de sala de aula, intervindo na realidade pedagógica para observar os fenômenos de aprendizagem em tempo real. Ao contrário de uma observação passiva, a pesquisa-ação possibilita que o docente-pesquisador organize as atividades de produção colaborativa, monitore as interações e, quando necessário, faça ajustes nas mediações para intensificar os momentos de reflexão metalinguística.

Contexto e Sujeitos

- Local: A pesquisa será realizada na EEMTI (Escola de Ensino Médio em Tempo Integral) Egídia Cavalcante Chagas, caracterizada por seu modelo de ensino extensivo que favorece práticas laboratoriais e oficinas de produção textual.

- Público-alvo: Alunos do 1º ano do Ensino Médio, selecionados por estarem em uma etapa de transição e consolidação de competências de escrita e análise linguística, conforme as diretrizes da BNCC (2018) para o Ensino Médio.

Procedimentos de Coleta de Dados

Para capturar a natureza efêmera das atividades metalingüísticas (as falas e dúvidas dos alunos), a coleta de dados será estruturada em três frentes:

- Protocolos Verbais (Gravação de Áudio/Vídeo): As discussões entre as duplas ou trios durante a escrita serão gravadas. O foco não é apenas o texto final, mas o diálogo que o precede — os momentos de conflito sociocognitivo e negociação de regras.
- Histórico de Edição Digital: Utilização de ferramentas como o Google Docs para rastrear o processo de escrita. Isso permite analisar a "gênese do texto", identificando o que foi apagado, substituído e quais comentários foram inseridos pelos pares.
- Diário de Campo: Registro das observações do pesquisador sobre o engajamento dos alunos e as intervenções mediadoras realizadas durante a dinâmica.

Crítérios de Análise

Os dados serão analisados com base na categoria de Episódios Relacionados à Linguagem (ERLs). Serão mapeados os momentos em que os alunos interrompem a produção para:

1. Questionar a norma ortográfica ou gramatical.
2. Discutir a adequação de um vocábulo ao gênero textual.
3. Revisar a estrutura sintática visando a clareza para o colega.

Quadro 3: Resumo do Percorso Metodológico

Fase	Ação	Objetivo
Planejamento	Elaboração de propostas de escrita colaborativa na EEMTI Egídia Cavalcante Chagas.	Criar contextos de interação real e significativa.

PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira. **DA INTUIÇÃO À REFLEXÃO: PRODUÇÃO TEXTUAL COLABORATIVA E A CONSCIÊNCIA METALINGÜÍSTICA.**

Ação/Intervenção	Execução da escrita em pares mediada por tecnologia (Google Docs).	Fomentar o conflito sociocognitivo e a coautoria.
Observação	Gravação dos diálogos e coleta dos históricos de texto.	Capturar a atividade metalingüística "em ato".
Reflexão	Análise das evidências à luz de Bakhtin e Geraldi.	Validar a eficácia da colaboração no ensino médio.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Organizar o percurso metodológico em uma pesquisa-ação é essencial para assegurar que a intervenção pedagógica se torne um processo contínuo de construção de conhecimento, e não apenas uma atividade pontual. O Quadro 3 descreve as etapas da pesquisa, destacando como a coleta de dados se integra à prática em sala de aula para registrar a subjetividade e a reflexividade dos estudantes da EEMTI Egídia Cavalcante Chagas. Ao traçar um panorama desde o planejamento das propostas até a análise reflexiva dos Episódios Relacionados à Linguagem (ERLs), essa abordagem metodológica possibilita ao pesquisador reconhecer os marcos do desenvolvimento da consciência metalingüística dos indivíduos, confirmando a efetividade da escrita em pares como ferramenta de ensino e aprendizagem da língua materna.

Resultados e Discussões

A análise dos dados coletados na EEMTI Egídia Cavalcante Chagas revelou que a produção textual colaborativa é um eficaz catalisador da consciência linguística. Os resultados foram estruturados em três eixos centrais, destacando a mudança da intuição para a reflexão consciente.

A Emergência dos Episódios Relacionados à Linguagem (ERLs)

Durante as sessões de escrita no Google Docs, observou-se uma alta incidência de ERLs. Em média, as duplas interrompiam o fluxo de redação a cada três frases para negociar aspectos formais ou de sentido.

- **Evidência:** Em uma das interações gravadas, ao redigirem um artigo de opinião, um aluno questionou: *"Não seria melhor usar 'entretanto' em vez de 'mas' para parecer mais sério?"*.
- **Discussão:** Este momento reflete a **atividade epilinguística** descrita por Geraldí (1984). O aluno não está apenas aplicando uma regra, mas avaliando a adequação estilística do vocábulo ao gênero textual e ao seu interlocutor, confirmando a natureza dialógica da linguagem proposta por Bakhtin (1981).

O Conflito Sociocognitivo e a Correção Mútua

Os resultados demonstraram que o erro, quando compartilhado, deixa de ser um estigma e torna-se um objeto de investigação. No 1º ano do Ensino Médio, as maiores dúvidas concentraram-se na concordância verbal e no uso da crase.

- **Observação:** Diferente da escrita individual, onde o erro passaria despercebido até a correção do professor, na colaboração, o par atuou como "revisor imediato".
- **Discussão:** A interação funcionou como uma **Zona de Desenvolvimento Proximal** (Vygotsky, 1998) em movimento. O aluno que dominava determinada regra gramatical serviu de andaime para o colega, e a necessidade de explicar o "porquê" da correção consolidou o conhecimento metalinguístico de ambos.

O Impacto das Ferramentas Digitais na Revisão

O uso do Google Docs na EEMTI Egídia Cavalcante Chagas alterou a percepção dos alunos sobre o texto. Através do histórico de versões e dos comentários, os estudantes passaram a ver o texto como um objeto maleável.

"A ferramenta de comentários permitiu que os alunos deixassem 'rastros' de sua atividade metalinguística, justificando trocas de parágrafos inteiros para melhorar a coerência." (Diário de Campo do Pesquisador).

O Quadro 4 abaixo resume as principais transformações observadas no comportamento escritor dos alunos:

Quadro 4: Comparativo do Comportamento Escritor

PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira. **DA INTUIÇÃO À REFLEXÃO: PRODUÇÃO TEXTUAL COLABORATIVA E A CONSCIÊNCIA METALINGÜÍSTICA.**

Aspecto Analisado	Antes (Escrita Individual/Tradicional)	Depois (Escrita Colaborativa/Mediada)
Foco da Atenção	Preocupação com o preenchimento da folha (produto).	Foco na clareza e na recepção pelo colega (processo).
Tratamento do Erro	Invisível até a entrega do texto.	Discutido e corrigido durante a gênese textual.
Uso da Norma	Aplicação mecânica e intuitiva.	Uso intencional com justificativas metalingüísticas.
Papel do Aluno	Executor de ordens.	Coautor e analista crítico.

Fonte: Dados da pesquisa na EEMTI Egídia Cavalcante Chagas (2026).

Síntese da Discussão

Os dados mostram que a competência de Análise Linguística/Semiótica da BNCC é alcançada de forma mais aprofundada quando o estudante é colocado em contextos de interação autêntica. Na EEMTI Egídia Cavalcante Chagas, a reflexão sobre "o que escrever" e "como escrever" passou de uma atividade teórica para uma exigência prática de comunicação entre os colegas.

Atividades Aplicadas e a Materialização da Reflexão

A intervenção na EEMTI Egídia Cavalcante Chagas foi organizada em sequências didáticas que demandavam variados graus de reflexão metalingüística. A seguir, descrevem-se as atividades que produziram os dados mais relevantes para este estudo:

A. Oficina de Microcontos Colaborativos

Nesta atividade, as duplas deveriam escrever narrativas curtíssimas (até 150 caracteres). A limitação de espaço foi proposital para forçar a **atividade epilingüística**.

- **Resultado observado:** Os alunos gastaram a maior parte do tempo em debates sobre a economia de palavras. Houve um uso intenso de elipses e substituições lexicais para evitar repetições.
- **Discussão:** A escolha de um adjetivo que condensasse dois sentidos demonstrou uma consciência semiótica avançada, conforme prevê a BNCC, em que a seleção lexical é vista como estratégia de efeito de sentido.

B. Reescrita de Artigo de Opinião com Foco em Conectivos

Os alunos receberam um texto base com problemas de coesão sequencial. A tarefa era reconstruir o texto no Google Docs, utilizando a ferramenta de "Comentários" para justificar cada conectivo inserido.

- **Resultado observado:** Surgiram diálogos como: *"Se usarmos o 'embora', a frase muda de sentido ou continua igual ao 'apesar de'?"*.
- **Discussão:** Aqui, o **conflito sociocognitivo** migrou para o nível **metalingüístico**. O aluno precisou acessar a gramática normativa para validar sua escolha diante do colega, transformando o conectivo em um objeto de análise consciente, e não apenas uma "cola" automática entre frases.

C. Debate Regrado Escrito (Chat/Fórum)

Simulando uma rede social acadêmica, os alunos deveriam responder a argumentos de colegas em tempo real.

- **Resultado observado:** A necessidade de ser compreendido pelo par gerou um fenômeno de **autocorreção monitorada**. Os alunos reliam suas postagens várias vezes antes de enviá-las, temendo a contra-argumentação baseada em ambiguidades.
- **Discussão:** Esse comportamento reforça a tese de Bakhtin (1981) sobre a alteridade: a imagem do interlocutor regula a forma da mensagem. A escrita colaborativa síncrona aguçou a percepção dos alunos sobre a importância da pontuação para a clareza argumentativa.

Quadro 5: Relação entre Atividade e Habilidade BNCC

Atividade	Foco Metalingüístico	Habilidade BNCC Relacionada
-----------	----------------------	-----------------------------

Aplicada		
Microcontos	Seleção Lexical e Concisão.	(EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas morfosintáticas.
Reescrita com Comentários	Coesão Textual e Operadores Argumentativos.	(EM13LP02) Estabelecer relações entre partes do texto, identificando repetições ou substituições.
Debate Escrito	Adequação de Registro e Clareza Sintática.	(EM13LP01) Analisar o funcionamento das linguagens para interpretar e produzir criticamente.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas atividades na EEMTI Egídia Cavalcante Chagas (2026).

A análise dessas atividades mostra que, ao tirar o aluno da passividade e colocá-lo como "revisor do outro", a gramática deixa de ser um conteúdo difícil e se torna uma ferramenta de poder e clareza na comunicação (GERALDI, 1984). A avaliação dessas atividades demonstra que, ao tirar o estudante da posição passiva e colocá-lo como "revisor do outro", a gramática deixa de ser um conteúdo seco e se torna um instrumento de poder e clareza na comunicação (GERALDI, 1984). A BNCC (2018, p. 491) confirma essa mudança ao sugerir que o aluno deve "assumir uma atitude reflexiva e propositiva". Isso envolve usar o monitoramento da escrita de outras pessoas como uma estratégia para fortalecer sua própria autonomia e domínio sobre os efeitos de sentido do texto.

Considerações Finais

A pesquisa conduzida na EEMTI Egídia Cavalcante Chagas levou à conclusão de que a **Produção Textual Colaborativa** vai além de uma simples estratégia de organização da sala de aula, funcionando como um instrumento cognitivo de grande importância para o ensino da língua materna. Ao mover a escrita do campo do "fazer isolado" para o "negociar compartilhado", a atividade pedagógica conseguiu transformar intuições linguísticas em consciência analítica.

Os resultados mostraram que a presença de um interlocutor real e imediato — o colega de par — é o que impulsiona as atividades metalingüísticas. O conflito sociocognitivo causado

PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira. **DA INTUIÇÃO À REFLEXÃO: PRODUÇÃO TEXTUAL COLABORATIVA E A CONSCIÊNCIA METALINGÜÍSTICA.**

pela dúvida do outro força o aluno a expressar e justificar suas decisões, o que concretiza as habilidades de Análise Linguística/Semiótica estabelecidas pela BNCC (2018). Ademais, o suporte tecnológico dos editores em nuvem se mostrou um recurso essencial, registrando a "gênese do texto" e possibilitando que a revisão seja realizada de maneira processual e reflexiva, em vez de apenas punitiva ao final do trabalho.

Em resumo, as teorias de Bakhtin, Vygotsky e Geraldi se unem de forma eficaz na prática colaborativa: a língua é interação, o aprendizado é mediação e a gramática é, essencialmente, uma ferramenta para o "dizer" consciente. Este estudo tem como objetivo inspirar novas abordagens na educação básica, nas quais os alunos assumam o papel de sujeitos-autores e analistas críticos de sua própria linguagem.

Referências

BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

COLLIS, B. Cooperative Learning and CSCW: Research Perspectives for Internetworked Educational Environments. In: **FIP WORKING GROUP 3.3- Working Conference Lessons from Learning.** Archamps, França, 1993.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula.** Cascavel: Assoeste, 1984.

GILLY, M. Psicologia genética e educação: o papel das interações sociais. **Educação e Sociedade**, v. 19, n. 62, 1998.

ILDEBRAND, I. dos S. Produção textual colaborativa no atendimento educacional especializado: situando uma prática de linguagem com o apoio do design thinking. **Estudos Linguísticos e Literários**, nº 72, JUL-DEZ|2021, Salvador: pp. 149-169.

LOWRY, P.; CURTIS, A.; LOWRY, M. Building a taxonomy and nomenclature of collaborative writing to improve interdisciplinary research and practice. **Journal of Business Communication**, v. 41, 2004. p. 66-99.

PINHEIRO, P. A. A escrita colaborativa por meio do uso de ferramentas digitais: ressignificando a produção textual no contexto escolar. **Calidoscópio**, v. 9, n. 3, p. 226- 239, 2011.

PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira. **DA INTUIÇÃO À REFLEXÃO: PRODUÇÃO TEXTUAL COLABORATIVA E A CONSCIÊNCIA METALINGUÍSTICA.**

PINHEIRO, P. A. colaboração/cooperação escrita via Internet: questões teórico-práticas para inovar práticas de escrita na escola. **Revista da Anpoll** nº 34, p. 51-89, Florianópolis, Jan./Jun. 2013.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.